

Meia Listrada

Valdir Specian

[Professor Universidade Estadual de Goiás. Doutor em Geografia. Membro do Grupo Espaço, Sujeito e Existência Dona Alzira]

O tempo frio exige alguns esforços extras. Se curvar para uma tarefa básica já não é possível. Mas nem sempre foi assim....

É verdade que a vida é distribuída de forma desigual - para alguns isso é dito como designio de (D)eus.

Uns poucos com tudo que pode ser comprado e outros, maioria, com as sobras que restam. Quando jovem, Maria fora escolhida como aquela que deveria cuidar da casa. Uma dádiva, mulher forte. Por suas mãos passaram aqueles que perderam o lar.

Ela mesma não teve nenhum filho de sangue. Mas, por mais de uma dúzia são aqueles que lhe devem algum afeto. Ela não cobra/nunca faria isso.

No tempo de moça as roupas eram lavadas no riacho! Nem só de roupas nas tábuas se fazia uma mulher! A cozinha era sua, sempre foi....

até que lhe fora tomada! Cortar lenha, acender o fogo, preparar o mate às 5h da manhã. As panelas do almoço eram areadas nas cinzas/areia.

O sabão se preparava no fogo quente. No mesmo fogo esquentava a água para pelar o porco. Antes ajudava a engordar para depois matar.

Latas e latas de banha. As muitas crianças, sobrinhas que corriam pelo quintal - eram seus filhos. Quantos filhos!

A matriarca tinha seus afazeres, ela, como filha escolhida, tinha todos os outros. O beiju era preparado com carinho, a criançada se deliciava com a massa que esticava. Antes era preciso plantar e cuidar das manivas, o tempo forma as raízes que são arrancadas.

O serviço de descascar, lavar, cortar, fermentar e coar.... até o polvilho, branquinho está pronto para ir na frigideira e virar o beiju.

Água para tudo isso? A força dos braços da jovem mulher arrancava do poço, para quase tudo. Os dias eram sempre longos - a felicidade é o dever que se cumpria. Com a "sobra de polvilho" ainda se preparava o bolo de puba. Ainda tinha o reiro, a sopa e a chipa paraguaia.

Por vontade deste mundo... a irmã adoeceu, pobre irmã... pastores/ benzedeiros/padres/macumbeiras/terreiros... médico nenhum pode curar... não se sabe o que aconteceu... dizem que era um mal forte para atingir a matriarca. Ela, com fé inabalável, em nada destoa. Remédios para acalmar...

Agora era deixar o tempo ter o seu próprio tempo de acontecer - nos ditos de hoje - esquizofrenia... Mas quem iria cuidar da irmã doente da

cabeça? ... Mais uma tarefa para Maria - sorridente - assumiu! ... Cada um tem seu tempo e sua suficiência, uns seguem o ciclo da vida....

a força indo conforme os dias passam. Outros/as experimentam a dor, a indiferença já no começo da vida. Ela manteve o prumo da casa.

Além da casa, da criação dos sobrinhos, tinha agora a irmã para cuidar. Sua força parecia nunca esgotar. A única diversão era atender, atender, às vezes ouvir a benção do pastor. Os irmãos mais jovens e mais velhos - os homens, sempre os homens -, foram enviados para a cidade grande,

precisavam estudar. Ela não, sua tarefa era a casa - escola só na época da fazenda. Quicá sua escolha para o lar deu-se em virtude de sua gagueira, exclusão, gago não podia aprender a soletrar. Nesse tempo a matriarca cuidava do ateliê... Ela também costurava, mas a ocupação maior era a

casa.... casa da mulher/para a mulher - o patriarcado é a lei básica. Não sabe, talvez não possa ser dito. Diante de tantas tarefas, dos filhos dos outros para criar, da irmã com menor suficiência para cuidar... Não sobrou tempo para ter o seu próprio lar, os filhos de sangue nunca vieram.

Os prazeres da carne talvez não tenha sentido, a fé e o trabalho preencheram a vida. Mas tudo é tempo que passa/que acontece.

O pai se foi ainda jovem, os irmãos foram casando, os sobrinhos pegando cada qual o seu rumo. Uns ficaram ricos/empresários de sucesso - talvez tenham esquecido do carinho daquela tia/mãe que tudo lhes fez. Novos sobrinhos/netos chegaram... A casa enchia enquanto a matriarca vivia.

Um dia mãe também se foi... O fogão de lenha deu lugar ao de gás. Ela ainda guarda o pé de laranjeira morta para virar lenha, existe um desejo/uma força que um dia terá o seu fogão de volta - não terá! A vida é estranha, a cabeça mantém as lembranças e os desejos, o corpo já não consegue acompanhar. Tudo se vai, inclusive aqueles que lhe rodeavam esperando as quitandas para lanchar, quantas crianças.

A diabete/de família - também chegou para ela. A pressão não é mais a mesma. Agora tem mais remédio que crianças,

mais fraqueza que gente para rodear. Antes tudo fazia... fazer para quem? Ninguém vem mais/todos têm suas vidas/falta-lhes tempo.

Depois de um/dois/três acidentados ou mais... a bengala virou companheira. A força de antes acabou. A irmã continua lá, ainda precisa dos cuidados.

O tempo e as circunstâncias trouxeram uma outra irmã para o lar. A casa que antes era cheia, agora são três mulheres/três idosas, cada qual com sua história/com sua força. De tudo elas dependem. Quem pode ajudar? De cabeça - ela, Maria, é a melhor. Mas o corpo que ralou na tábua de lavar/esquentou no fogo/limpou o terreiro/cuidou da horta e das galinhas já não pode mais acompanhar.

Sentada na cadeira tenta se curvar, o frio pede as meias. Fogo do fogão para esquentar já não existe faz anos.

Um agregado/companheiro da sobrinha.... ele é que está próximo - oferta ajuda....

Ela aceita.... como deve ser difícil não poder nem calçar as meias nos pés. O rapaz, com um pouco mais de suficiência, se ajoelha, ajeita as meias listradas para cobrir os pés do frio.... ela agradece e exclama - "não consigo mais arrumar esse pé no chinelo!....".

Cada tempo/cada pessoa/cada suficiência expõe o seu lugar. ■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical.

A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.